

## “O cordel é uma mídia alternativa, popular e contra-hegemônica”, defende Alberto Perdigão

Sérgio Luiz Gadini<sup>1</sup>



Há mais de um século, pesquisadores e estudiosos buscam compreender as características e a riqueza que a literatura de cordel registra no Brasil. Mais que um conceito, trata-se de reconhecer a poesia criativa e ousada que comunicadores populares imprimem em seus versos, na maioria dos casos com circulação modesta e com produção artesanal, mas que encantam pela maestria, combinação semântica e “métrica perfeita”, como se diz na área.

---

<sup>1</sup> Professor Dr. do Curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação (Mestrado) em Jornalismo, coordenador do grupo de pesquisa Jornalismo Cultural e Folkcomunicação. Correio eletrônico: [sergiogadini@yahoo.com.br](mailto:sergiogadini@yahoo.com.br)

Para explicar e discutir o assunto, a entrevista da edição é com o jornalista, escritor e investigador da cultura popular Alberto Perdigão.

Graduado em Comunicação Social pela Universidade Federal do Ceará (1986) e mestre em Políticas Públicas pela Universidade Estadual do Ceará (2009), Alberto Magno Perdigão Silveira trabalha em assessoria de mídia, com experiência na área educacional, trabalhou com telejornalismo, comunicação pública e participa de projetos de comunicação popular.

Escritor e pesquisador inquieto, Alberto é autor de dois livros e de inúmeros artigos, ensaios e capítulos em publicações editoriais. Em 2010, Alberto publicou, pela Editora da Universidade Estadual do Ceará (EdUECE), *Comunicação Pública e TV Digital: interatividade ou imperatividade na TV pública*. E, em 2014, lançou *Comunicação Pública e Inclusão Política: reflexões sobre cidadania ativa e democracia participativa*, pela RDS Editora (Fortaleza).

A entrevista é uma agradável conversa de aproximadamente 60 minutos, em uma noite de sexta-feira, ao final de incontáveis trabalhos remotos, que consomem dias, semanas e meses à espera pela prometida vacina, que pode reduzir as centenas de milhares de mortes de vítimas, que pagam caro pela opção governista de retardar a compra de vacinas para combater a pandemia no Brasil. A literatura regional, como a do Nordeste, é uma “literatura decolonial, que inverte os fluxos do controle do saber no País e no mundo”, defende Perdigão, ao destacar a riqueza, pluralidade e contribuição do cordel em tempos de globalização da desigualdade social.

**Revista Internacional de Folkcomunicação (RIF): Ao te agradecer pela disposição e tempo, gostaria que explicasse aqui o que caracteriza a literatura de cordel? Ou, também, o que se pode definir como literatura de cordel no Brasil?**

**Alberto Perdigão (AP):** Agradeço e espero contribuir não só com a formação mas, também e sobretudo, com o debate. O cordel é, para literatura, um tema relativamente invisibilizado, de uma maneira geral, na academia, no mercado e na sociedade. E isso tem uma razão muito simples, clara, que é uma característica do cordel, uma característica fundante, essencial do cordel, que é a de ser uma literatura alternativa. O cordel sempre foi uma mídia alternativa e, quando falo do cordel, falo do cordel impresso, do folheto. Mas posso estender a análise até um tempo pregresso em que essa narrativa era manuscrita, e até um pouco antes, quando era simplesmente uma tradição oral. O cordel, desde a oralidade, é uma literatura alternativa. Ela

é alternativa, agora pensando no folheto, que esse tem uma história recente de 130 anos, 140 anos mais ou menos. O cordel como folheto, o cordel como mídia impressa, ele se estabelece como uma alternativa à mídia livro, que era uma mídia elitista, e à mídia jornal, que também era elitista - mídias que tinham suas funções e características distintas, mas que, na origem, eram semelhantes. O cordel surge como uma mídia alternativa e vai, com o tempo, firmando-se também como mídia popular. O conceito de popular que se agrega aos folhetos ou à literatura de cordel é um conceito perigoso e precisa ser compreendido. Esse popular que se agrega, pelo menos aos autores que estudam o assunto, remete a uma literatura que é feita por um tipo popular e para um popular, para alguém semelhante a quem escreveu, ou seja, que tem uma relação e um diálogo horizontalizados. E mais que isso: o cordel é feito com o popular e é um reflexo de uma subjetividade e de uma identidade populares. Ou seja, não há um poeta popular que escreve para um leitor popular. Existe um poeta popular que escreve com o leitor popular ou existe um leitor popular que lê o mundo com o poeta popular. E, finalmente, ao longo do tempo, o folheto, esse tipo de literatura, vai se formando e se estabelecendo como uma literatura de resistência. Vale um parêntesis, aqui, sobre o conceito e semântica de resistência. Essa resistência não é simplesmente uma resistência cultural ou que remete a um poeta que tira dinheiro do próprio bolso para imprimir o cordel, em um plano romântico e até diletante. O resistente, neste caso, deve ser traduzido como contra-hegemônico. Essa contra-hegemonia que a literatura de cordel exerce, que o folheto de cordel exerce, ela é consciente. É uma narrativa que se contrapõe à narrativa das elites. Prefiro pensar, mais concretamente, no folheto de cordel, pois a literatura de cordel parece assim uma coisa meio efêmera, etérea e que não se consegue pegar. Eu não leio a literatura de cordel, mas o folheto de cordel. Ao discutir em um campo pragmático e concreto, gostaria que as pessoas pensassem no folheto de cordel como dispositivo midiático alternativo, popular e contra-hegemônico ou resistente.

**RIF: Vale, aqui, um diálogo com a abordagem que Luiz Beltrão faz do cordel como gênero ou variação de um gênero discursivo jornalístico, porque ele informa e fala da atualidade...**

**AP:** O Cordel é mais efetivo, mais visível, como mídia ou narrativa jornalística do que o é como narrativa de ficção. A literatura de ficção do cordel é mais ou menos uma literatura que já existia desde os rapsodos gregos, que passaram, depois, pela literatura oral medieval, que foi

ganhando forma e concretude em folhetos, depois da invenção da imprensa, até chegar ao Brasil, no século XIX, e se tornar uma prática comum ou relativamente comum com os folhetos. As histórias dos folhetos da virada do século, lá do início do cordel impresso, são histórias que já existiam e, depois, as outras histórias, que as sucederam, com personagens do nosso tempo e do nosso lugar, de alguma maneira, já existiam no imaginário popular. Claro que existe muita criatividade e originalidade, mas quando você estuda, entende que o herói nordestino pode ser uma versão do herói das histórias de cavalaria e o algoz, o vilão do romance, por exemplo, pode ser o fazendeiro oligárquico. Do ponto de vista estrutural, a criação ficcional e tradicional tem um certo limite, que não é nenhum pecado ou demérito, mas é um limite. Agora, o folheto e a narrativa de cordel que se dedicam à notícia, a temas e fatos, que poderiam estar numa mídia informativa convencional tradicional, apresentam um amplo espectro de temas e possibilidades inteiramente novas como são novas as notícias. E aí você encontra desde tratados, teorias, grandes teses da Ciência Política, por exemplo, até o fato que aconteceu hoje, por exemplo, de manhã, e o poeta-repórter, com a sua agilidade, consegue, à noite, colocar na rua, mais ou menos com a agilidade de um diário impresso. É isso que impressiona no cordel informativo, que pode ser chamado, normalmente, de cordel de acontecidos, cordel de circunstância, cordel de ocasião ou cordel de notícia. Esse folheto se diferencia pela capacidade de representar a realidade. Não que a ficção não seja importante, pois é um contrapeso, um diálogo, uma interface que vai legitimando a realidade representada. E é impressionante a capacidade que o cordel tem de narrar a realidade do cotidiano, o mundo vivido.

**RIF: Você diz que eu o cordel é invisibilizado, seja pelo meio acadêmico, mercado editorial e até pelos movimentos sociais. Contextualize essa avaliação, por gentileza!**

**AP:** É preciso contextualizar. Melhor dizer relativamente invisibilizado. Em termos comparativos, o cordel, apesar de ter um modelo capitalista de produção, muito rudimentar e quase artesanal, é um ofício, praticamente. Ele não é uma mídia de massa, ele não envolve grandes volumes de investimento e, portanto, não oferece muitas possibilidades de lucro. Isso torna o cordel uma espécie de patinho feio neste modelo editorial capitalista de que pouco se pode fugir, porque estamos, em grande medida, organizados como mercado e sociedade sob esse modelo. Então, se houvesse condição de o cordel se tornar um produto lucrativo, ele

estaria em todos os pontos de venda, em postos de conveniência, supermercados, livrarias e nas bancas de revista. Mas não é assim que funciona, pois aquela margenzinha de lucro de cada cordel é ínfima e não move a produção, não move o negócio como se movem as mídias convencionais tradicionais e também o livro. Quando o Cordel se torna um produto rentável, ele serve, por exemplo, de roteiro original para produções da indústria do entretenimento, é útil para um seriado televisivo ou filme, da Rede Globo, por exemplo, ou atende a outros interesses da indústria da cultura de massa. Essa impossibilidade que é do cordel, o fato de que não vai mudar para atender ao mercado, porque já existe para não atender ao mercado, dá a este tipo de literatura um grau de invisibilidade. Há outros produtos da nossa cultura que sofrem das mesmas limitações. O cordel não existe para tornar as pessoas da sua cadeia produtiva ricas. O cordel nunca existiu como produto de massa, e sempre existiu como alternativa. Agora, o valor que ele tem é diferente do preço que ele tem e da lucratividade que pode proporcionar.

O importante é entender que o cordel é invisibilizado, porque ele não é negócio e tampouco meio de lucro. Então, a condição que esse cenário aponta, inclusive, ajudou o cordel a se preservar, relativamente, porque também não precisa ser engessado, as coisas mudam, permanentemente, de lugar a cada novo tempo. Mas ajudou a preservar as linhas básicas e suas características essenciais, ao ponto de, hoje, o Estado brasileiro, por meio da Secretaria de Cultura (o extinto MinC), através do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), atestar e incluir a literatura de cordel e a xilogravura como patrimônio da cultura imaterial do País. É um reconhecimento que inclui pouquíssimas manifestações culturais e, por isso, uma conquista, pois reconhece a literatura de cordel pela sua originalidade, entre as expressões artísticas que ajudam a nos definir como nação.

**RIF: O Cordel como panfleto, e também um produto político, é uma das marcas de décadas no Brasil, pois ajudou a construir personagens. Podes explicar o cordel como produção política e também jornalística na história recente do País?**

**AP:** A atividade jornalística é uma atividade política. Agora, é importante entender, quando se toca no assunto, que existe uma literatura de cordel. Existem pesquisadores que classificam o cordel em histórias de cavalaria, de donzelas; tem uma área que é a do cordel informativo, de acontecidos; e uma outra que é a das pelejas e cantorias. Muitas das pelejas são reais, de

violeiros ou rabequeiros, mas podem também ser simuladas, quer dizer, podem ser feitas no repente, na hora, na improvisação, ou construídas previamente. Elas também vão para o folheto e fazem esta outra área definida.

O setor do cordel de acontecidos é muito rico e interessante, pois os folhetos trazem todos os tipos de notícia ou as mesmas editorias que um jornal maior ou complexo pode trazer, e traz ainda outras notícias e temas que não ganham cobertura em um diário ou revista.

Agora, uma das características da mídia informativa cordel como notícia é que ela é relativamente mais livre, pois não tem um esquema ou departamento comercial, um controle de quem imprime e escreve para ditar como deve ser a narrativa. O *newsmaking* e o *gatekeeping* do cordel são de outra natureza que não capitalista, que não submetida aos ditames do mercado. Existe alguma inconveniência ou pressão? Sim. Pode haver até um cliente que encomenda um cordel com um certo teor e esse cordel pode ser até de propaganda política, mas é totalmente diferente a maneira como isso se organiza e chega na mão do leitor. O cordel é muito importante porque é uma alternativa e escolha. A palavra alternativa remete a uma opção. O *alter* é a outra coisa e, portanto, o cordel é mesmo essa outra coisa e é também uma outra coisa quando é folheto informativo.

Não há comparação na relativa liberdade do cordel, seja por ser mais jornalismo ou estar mais próximo do interesse público, o que é um dos fundamentos do jornalismo, seja por, paralelamente, ser mais democrático e horizontalizado, pois é feito não para agradar o leitor ou para agradar a um cliente. Ele é feito com o cliente leitor, como se fosse um reflexo do leitor. O leitor escolhe, consuetudinária e involuntariamente, o poeta-repórter e o poeta-repórter, que é parte daquele leitor, que é parte daquele universo do leitor, se responsabiliza por interpretar o mundo, decodificar as notícias da mídia tradicional e reinterpretar o mundo em versos.

No ensino de jornalismo, por exemplo, a gente tem uma luta para despertar no aluno aquele *start* do que é ou de como deveria ser uma narrativa jornalística. A gente ensina técnicas e vai às práticas com produções de laboratório. E isso é um trabalho difícil. Em geral, o melhor aluno de jornalismo sai com o texto relativamente pobre ou limitado do curso.

Já o poeta-repórter, ou seja, o poeta que se dedica a escrever narrativas jornalísticas, ele não só faz uma notícia perfeita do ponto de vista do atendimento, por exemplo, das seis

perguntas do *lead*, da pirâmide invertida indicada por Harold Lasswell; ele não só segue as regras básicas do contraditório e de ouvir várias versões, mas apresenta perspectivas diferentes na apresentação do fato ou do tema. É impressionante, mas isso é invisibilizado. Ele faz tudo com a métrica perfeita, com a rima perfeita e com uma coisa que o jornalismo não tem: a oração perfeita que, no cordel, é a concatenação (relação) de sentido não só de racionalidade, mas também entre um verso e outro, uma estrofe e outra. Ou seja, aqueles versos não vão surgindo só para rimar e nem são construídos só para manter a métrica. Não! Há uma narrativa perfeita, diz-se uma coisa primeiro para, em seguida, dizer a outra. Sinceramente, isso é fantástico e fico impressionado, pois tudo parece perfeito.

**RIF: Duas perguntas, antes, depois a gente volta com a narrativa. O que quer dizer que se refere ao cordel como metáfora? E, outra, explica melhor a técnica da produção do cordel (tamanho, orientação e que se entende por oração perfeita)?**

**AP:** Não sou um produtor de cordel e tenho um certo acanhamento em falar a respeito mas, basicamente, você encontra essa explicação em qualquer livro que trata de cordel, seja do folheto ou da poética. O Cordel é, basicamente, uma folha de papel A4, dobrado duas vezes de tal maneira que ali se produzem e se oferecem oito faces, equivalente a oito páginas. Normalmente, o cordel tem seis páginas com três estrofes, o que dá 18; mais a primeira e a última que têm apenas duas, resultando quatro. Ou seja, o cordel simples, digamos, ou para ser chamado de folheto de cordel, tem que ter oito páginas e 22 estrofes. Mas não é tão rígido assim, nunca foi. Há modelos com 16, 24, 32 páginas, que são múltiplos de oito. As estrofes podem ser organizadas por diferentes técnicas de métrica e de rima. Você pode ter as redondilhas, que são sextilhas ou septilhas, que podem trazer a tônica, por exemplo, na quinta sílaba poética do verso. Há alguns modelos. Tem o martelo agalopado, que é um outro modelo com dez versos na estrofe. Você tem uma poesia que tem um mote e outras que não tem mote. As rimas se organizam de diferentes formas. São muitas as possibilidades. Mas, uma vez que o poeta escolhe uma das possibilidades de métrica e de rima, ele segue do começo ao fim e, evidentemente, busca ali uma perfeição. A capa do folheto, muito comumente, vem com esse papel comum de livraria ou de escritório mesmo. Esse papel é exigência dos novos tempos em que a impressão é feita ou em uma máquina eletrônica, numa *offset*, ou em impressoras domésticas portáteis. Hoje, muitos poetas fazem tiragens pequenas

em vez de tirar um milheiro, que são 1000, ou tirar dois milheiros, como ocorria há algumas décadas. Eles vão tirando de 20 em 20, de 100 em 100, de 50 e 50, e vendendo aos poucos nos eventos ou pontos de venda. Mudou um pouco o jeito de fazer, mas antes, originalmente, o cordel era feito no papel jornal. Era impresso em papel jornal, semi-artesanamente, naquelas máquinas ainda com os tipos de chumbo. Originalmente, o cordel surgiu assim. E a capa do cordel é de um papel um pouco melhor do que o conteúdo e onde se usam várias técnicas de fazer uma ilustração. Há os que preferem fazer a impressão da capa por meio da xilogravura, mas não é obrigatório, e não há nenhum demérito se não for uma xilogravura. Existem, inclusive, poetas que também são xilógrafos e fazem as próprias capas ou encomendam o taco, que é uma matriz feita em uma madeira específica, geralmente de umburana. Chama-se também de umburana de cheiro e, assim, do ponto de vista da forma, são algumas informações. Geralmente, a edição traz informações básicas na capa, como o ano, título, autor e a tiragem. Então, há um padrão sugerido para a capa. E a contracapa, muitas vezes, é usada para colocar a marca da editora, às vezes a marca da gráfica, para colocar algum anúncio, propaganda, ou para colocar o perfil do poeta.

Sobre a metáfora do cordel? É uma imagem, uma alegoria que uso, às vezes, ao me apresentar. Da mesma maneira que esses poetas fazem, abnegada e diletantemente, um trabalho hercúleo, que é escrever uma poesia, imprimir, distribuir em pontos de venda e, no final, ter uma remuneração que, evidentemente, não compensa, eu também imprimo - desculpe o trocadilho - um grande esforço para pesquisar literatura de cordel, pois não tenho nenhuma vinculação, patrocínio ou remuneração pelo trabalho. E, assim, a pesquisa é uma metáfora da própria literatura de cordel. Eu poderia sim participar de alguns editais, mas é sempre tão complicado, tira tanta energia e tempo, e vem sempre com tanta burocracia que é cruel. E para quem pesquisa, as bolsas estão cada vez mais raras e os editais não remuneram efetivamente o trabalho. A dedicação investigativa, portanto, é uma contribuição voluntária da minha parte.

**RIF: O Cordel como discurso político tem personagens na história do Brasil que ganharam expressão, visibilidade, inclusive mais pelo cordel do que pela mídia convencional. Outro aspecto, aqui, é que quando os governos não dão conta das questões centrais, as ausências do Estado também se tornam temas de críticas aos cordelistas. A**

**crítica, aí, é igualmente criativa. Podes relacionar perfis políticos e o cordel como expressão política, mais do que a informação jornalística informativa, também como crítica.**

**AP:** Oportuno lembrar que o cordel, como folheto e dispositivo midiático impresso, não é do Império. Há notícias de alguns precursores, de algumas edições isoladas e no final do Império, mas é um evento da República, praticamente. Tem 130 anos mais ou menos que os primeiros poetas estabeleceram um modelo de literatura, um gênero literário e um dispositivo midiático, que são o existente até hoje, com poucas mudanças. No período da República Velha, do período do getulismo (1930-45) à Ditadura Militar (1964-85) e, depois na redemocratização, agora podemos considerar também no bolsonarismo, o que se assiste é o seguinte: quando o governo é relativamente aberto em relação às expressões culturais, em relação ao jornalismo mesmo, o cordel passa a ser uma tribuna para falar e discutir temas políticos e sociais, ou seja, o poeta se sente mais à vontade para pautar as grandes questões.

Na Primeira República, quando os governos eram autoritários e não havia ainda uma separação grande entre o Brasil e o que depois veio a se chamar Nordeste, o cordel não tratava das grandes questões nacionais. O País, para os pioneiros, digamos assim, até a década de 1930, era o país Nordeste. Ainda não se chamava Nordeste e também não tínhamos uma relação íntima ou próxima com o Rio de Janeiro nem tínhamos com o Império, e não tivemos na República, mas apenas a partir dos anos 1930. No governo provisório (1930-34), no início do varguismo, houve um estímulo para que os cordéis tratassem da política nacional. Até então, o cordel de política era de uma política local – do prefeito, ao governador ou de algum coronel, que era líder político das oligarquias. Com o getulismo, a coisa fica relativamente fácil, embora não tivesse um fluxo de informação para nutrir com qualidade e quantidade o poeta-repórter, porque o rádio ainda era embrionário. O rádio ainda não era uma mídia comum no Nordeste, sobretudo no interior do Nordeste. Quando vem o Estado Novo, a mídia rádio já era uma realidade do País, mas a ditadura também era uma realidade. Então, o poeta-repórter não entrava em certos temas. Mas todas as vezes que ele pode entrar ele entrou, nas vezes em que ele se sentiu seguro e à vontade para entrar, ele entrou.

Agora, quando o governo se fechava às expressões, de uma maneira geral a expressão livre, quando havia uma censura ou o nome que se possa dar às restrições à expressão pública livre, havia também uma repressão lá na ponta, lá na feira. Não era proibido fazer cordel, mas era proibido vender o cordel, aquela mídia que fugia do controle da política. Então, “se eu não

posso vender, não vou escrever”. Ou, por outra, “eu vou escrever no máximo sobre alguma coisa que não seja da política, porque aí se vier uma bronca vai ser menor”. Quando chega a Ditadura Militar ocorre a mesma coisa, com muitas restrições. Não uma censura, mas uma autocensura, com certeza.

Nesses períodos, há uma tendência de que o cordel de política olhe os problemas mais locais do que federais, ou seja, se eu vou mexer com alguém, eu não vou mexer com o presidente. Eu vou mexer com o deputado, com o vereador ou com o prefeito. Esses eram escapes e aconteceram comumente, e a gente tem figuras maravilhosas mesmo, que desafiaram o poder, como o Cuíca de Santo Amaro, de Salvador, ou, em certa medida, o José Soares, no Recife. E, muitos, muitos outros. No governo Getúlio, por exemplo, o cordel era, mesmo no Estado Novo, favorável ao Getúlio, porque o governo olhou para o país pobre. Ele não só tentou promover a integração nacional, ou seja, dar aos brasileiros invisibilizados do Nordeste uma identidade, uma brasilidade ou identidade de brasileiro, o que causou um forte impacto no País, como ele também criou políticas públicas que favoreciam alguns segmentos inteiramente esquecidos, inclusive, segmentos do Nordeste.

Por isso, o Getúlio Vargas foi o “Pai dos Pobres”; ele não foi só o pai dos pobres do Rio Grande do Sul, mas o Pai dos Pobres do Brasil mais pobre. E Getúlio foi um fenômeno na literatura de cordel. Nem tanto como alvo de ataques, mas com reconhecimento por ter sido esse Pai dos Pobres. Muitos dos estudiosos das décadas 1970/1980 citam o fenômeno que foi o Getúlio na literatura de cordel ao lado do Padre Cícero e de Lampião. Ou seja, eram personagens que foram e, de alguma forma ainda hoje são, figuras importantes na historiografia da literatura de cordel e da mídia informativa. Um pouco antes de 2002, no final da década de 1990, acontece o fenômeno Lula. O Lula chega como uma perspectiva, já começa a ser retratado e, depois que assume a Presidência, ele passa a ser a figura mais retratada, disparadamente, na literatura de cordel, na mídia informativa folheto, como revela o livro do Crispiniano Neto *Lula na literatura de cordel* (Fortaleza: Editora Imerph, 2009).

### **RIF: O Lula supera Getúlio Vargas em tematização de cordel no Brasil?**

**AP:** Supera, e muito! O estudo e coleta do Crispiniano Neto, que é um norte-rio-grandense, reúnem, num livro de mais de 500 páginas, folhetos com poesias em cordel sobre o Lula. Se tivesse continuado a coleta, não sei ao certo, mas talvez já teria outro tomo na mesma

proporção. O livro fala desde o Lula metalúrgico, quando já havia cordel na luta sindical de São Bernardo do Campo (SP). O cordel foi uma mídia muito utilizada para fazer a panfletagem no trabalho em porta de fábrica. Ok, isso não é jornalismo, mas é propaganda. Sim, é informação e, portanto, vira história. São documentos históricos maravilhosos, contando a luta dos metalúrgicos no contexto de redemocratização do país. Depois, tem um momento em que o Lula aparece novamente na luta pela pelas Diretas Já (1984). Volta a aparecer na Assembleia Constituinte (1987) e o folheto de cordel lá, cobrindo o Lula, para usar um termo do jornalismo. Surge o Lula candidato (em 1989). E candidato de novo (1994 e 98). Aí, vem o Lula vitorioso (2002), o Lula presidente (2003), o Lula candidato de novo e o Lula reeleito (2006). No livro do Crispiniano Neto não há, com certeza, nem metade, imagino, dos folhetos que foram feitos para o Lula, e que continuam sendo feitos no Brasil. Você não vê esse volume, e nem essas abordagens, que estão em folhetos na mídia tradicional. É um belo material de pesquisa.

**RIF: E, para fechar, você já tem alguma percepção do atual governo federal no cordel?**

**AP:** Não, mas o Jair Bolsonaro também é muito retratado, digamos, ou interpretado na literatura de cordel. Não é um fenômeno como Lula, evidentemente. Não tenho uma pesquisa e tampouco uma coleção ou amostra, mas a gente tropeça com as produções. De uma maneira geral, pode-se dizer que o poeta-repórter é crítico, pois percebe exatamente o que acontece no País, o desastre que significou ao País eleger Jair Bolsonaro. E, interessante, posso citar aqui um folheto de cordel que eu acompanhei e, de certa forma, ajudei na produção. É de um agricultor, de Tabira, no interior de Pernambuco, o Felipe Amaral, que gostava de fazer poesias de malassombro, que são histórias de assombração, e passou a fazer poesia política. A partir do perfil do Felipe na internet, encontrei um exímio poeta, que, do ponto de vista da métrica, da rima e da oração, não tem nenhum tropeço, do começo ao fim. Então, escolhi dois poemas e conseguimos financiar a publicação *A besta-fera é quem manda no Brasil*. Besta-fera é um personagem que seria o satanás ou o demônio. A figura é muito usada no cordel quando se quer representar algo ruim ou uma maldição. Os poemas são interessantes e divertidos. O final da história é que, hoje, Felipe Amaral escreve compulsivamente sobre política e é um dos poetas-repórteres mais atuantes na observação, na interpretação e construção de narrativas a respeito do atual governo.

**RIF:** E como está tua atual produção, projetos e livros em planos de trabalho?

**AP:** A respeito dos projetos de trabalho, estou aqui devagar e sempre no livro *O Cordel como mídia informativa: um olhar sobre o folheto de política*. É um título provisório de um trabalho em que destaco o caráter do cordel como mídia alternativa, mídia popular e de resistência, e foca na destituição da presidenta Dilma Rousseff (PT). A pesquisa analisou os folhetos impressos que circularam durante o processo de destituição. Tomei só o estado do Ceará, onde eu moro e onde foram publicados oito folhetos. Com a amostra, fiz um levantamento da narrativa sobre a cobertura da destituição. Desses oito folhetos, sete deles trazem, claramente, a narrativa de que estava acontecendo um golpe. Um deles tem uma narrativa dúbia e escorregadia, pouco clara, e não enquadrei junto aos outros sete. O certo é que, na época em que a imprensa tradicional ajudou a construir o golpe de 2016, não havia na imprensa nenhum órgão que comprasse a versão de golpe ou que, simplesmente, cumprisse o papel do jornalismo de analisar as duas perspectivas sobre os fatos. Existia uma destituição e duas perspectivas de impeachment e de golpe. O único veículo que tentou fazer isso, que fez um arremedo e pequenas tentativas, foi a TV Brasil, que era uma emissora pública relativamente descolada do governo. Tem um segundo momento da mesma pesquisa em que entrevisto os poetas, para ver como eles percebem o universo onde se inseriram e a trajetória da destituição; o papel deles como poetas-repórteres; o papel do cordel como mídia informativa, comparativamente à mídia tradicional. E, por fim, paralelamente, está em projeto um livro que traz um conjunto de entrevistas com estudiosos do cordel como mídia informativa e que tem a intenção de homenagear o Joseph Luyten. Quem quiser apoiar, a pesquisa aceita e agradece.